

## *Notturmo indiano: viagens pelo lado oculto da existência humana*

Dra. Cátia Inês Negrão Berliini de ANDRADE<sup>1</sup> (UNESP- Assis)

**RESUMO:** *Notturmo Indiano*, de Antonio Tabucchi, publicado em 1984, narra a história de um personagem que atravessa a Índia em busca de um amigo ali desaparecido. Nessa travessia, deparamo-nos com a cultura hindu, as crenças, os profetas e misérias do país. Assim, surgem à nossa frente, filtrados pelo olhar do protagonista, situações e lugares insólitos, num universo carregado de suspense, de vultos e sombras, de perguntas sem respostas. Interessa-nos, nesse trabalho, destacar que a viagem empreendida pelo protagonista se transforma, aos poucos, em uma difícil e longa travessia pelo lado oculto e noturno da existência humana.

**Palavras-chave:** Antonio Tabucchi, narrativa italiana contemporânea, a viagem na literatura.

Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.

Fernando Pessoa

### **Introdução**

Pode-se dizer que *Notturmo indiano*, de Antonio Tabucchi, publicado em 1984, consagrou seu autor diante do grande público. O romance narra a viagem de um personagem que atravessa a Índia em busca de um amigo ali desaparecido, ou dele próprio, de sua própria identidade. Durante a viagem o olhar do protagonista não é o olhar ávido por lugares comuns, e sim o olhar para a essência das coisas e das pessoas. Nessa travessia, deparamo-nos com um país imerso em suas contradições: a pobreza absoluta da maior parte da população, a riqueza de uma minoria, a espiritualidade, o gnosticismo. Tal como outros romances do autor é uma narrativa breve, enxuta “em que um máximo de invenção e de pensamento se concentra em poucas páginas” (CALVINO, 1995, p. 223), que discorre apenas sobre aquilo que o autor acredita ser essencial para a compreensão do texto.

O romance começa, como boa parte dos livros tabucchianos, com uma nota introdutória em que o autor estabelece um diálogo com o leitor convidando-o a se enveredar pelos mesmos caminhos trilhados por Roux, o protagonista, oferecendo um “índice dos lugares desse livro”, composto por doze lugares visitados por ele, todos físicos e reais, facilmente encontráveis nos mapas. Desse modo, tem como ponto de referência a literatura de viagem. Cabe observar, no entanto, que Tabucchi ao mesmo tempo em que insere características desse gênero literário mescla, bem ao gosto pós-moderno, elementos de vários gêneros. A narrativa apresenta-se como uma tessitura em que é possível entrever, principalmente, fios das narrativas de viagem, do romance existencial e policial.

Entre esses elementos é possível destacar a viagem, a descrição dos lugares, a apresentação de um itinerário que poderia, de acordo com o narrador da nota, ser usado como guia por “algum amante de percursos incongruentes” (TABUCCHI, 1991, p.7), a busca de pistas para encontrar Xavier, o amigo desaparecido na Índia, que ganha ares de investigação policial e finalmente a incessante busca para as questões essenciais da existência humana.

---

<sup>1</sup> (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP- Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, Departamento de Letras Modernas), ci.andrade@uol.com.br.

## Um diário de viagem

*Notturmo indiano* se apresenta ao leitor como uma espécie de diário de viagem no qual o protagonista registra todas as suas impressões sobre o país visitado, sobre as pessoas, a cultura e a religião. Ele se serve de um guia, *Índia, a travel survival kit*, para cumprir o seu roteiro de pesquisa e concomitantemente procurar o amigo Xavier.

O livro está dividido em três partes e em doze capítulos. Cada uma dessas partes corresponde a uma etapa da viagem que começa em Bombaim, continua em Madras e termina em Goa. Em cada um desses capítulos ocorre um encontro noturno importante para o protagonista. A maior parte deles se dá em espaços fechados, quartos de hotel, estações ferroviárias, trens, paradas de ônibus. São espaços carregados de sombras, penumbras e não raro de mistério, que se apresentam como imagens embaçadas, indefinidas, fora de foco.

Os personagens do romance vão surgindo à frente do leitor como se tivessem saído de algum sonho ou alucinação: desconcertante como o profeta jainista com aparência de macaco, enigmático como o diretor da Sociedade Teosófica, descrente como o médico do hospital de Bombaim e, por vezes, todos indefiníveis como Xavier. Todos, cada um a seu modo, interferem no processo de busca existencial do protagonista.

Como o próprio título do guia prenuncia, a Índia retratada em *Notturmo indiano* não é apenas aquela misteriosa e exótica região que desperta a curiosidade dos estrangeiros. Roux evidencia a complexa realidade do país, mostrando ao lado da miséria, sujeira e privações, a que é submetida a maior parte da população, uma realidade completamente diferente, reservada aos milionários nos hotéis de luxo: “A energia quase toda vai para as fábricas, e depois para os hotéis de luxo e para o bairro de marine Drive, aqui temos que nos conformar com isso” (TABUCCHI, 1991, p.27).

Nesse primeiro momento a realidade visível é a da miséria absoluta, da sujeira que invade as ruas, e das doenças provenientes, na maior parte das vezes, dessa situação:

– De que se morre aqui?

– De tudo o que não diz respeito ao coração. Sífilis, tuberculose, lepra, tifo, septicemia, cólera, meningite, pelagra, difteria e outras coisas. (TABUCCHI, 1991, p.27).

[...] a administração certamente não resolveu o problema higiênico, porque, além disso, há o problema dos ratos, dos insetos, das infiltrações dos esgotos. (TABUCCHI, 1991, p. 30).

É um país mostrado pelo lado do avesso, diferentemente daquilo que é usualmente oferecido ao turista<sup>2</sup>, uma vez que no turismo convencional “exclui-se o feio, afasta-se o turista do pobre, do usual” (CARLOS, 1996, p. 31), mascara-se, portanto, a realidade. Em *Notturmo indiano* o feio e o pobre são destacados pelo protagonista:

Vasco da Gama é uma cidadezinha do estado de Goa excepcionalmente feia, escura, com vacas que vagueiam pelas ruas, gente pobre vestida com roupas ocidentais, herança da permanência portuguesa e portanto com um ar de uma miséria sem mistério. (TABUCCHI, 1991, p. 71).

Ao chamar atenção para o feio, contraria, assim, a prática do turismo, daquilo que o turista deve ver. De acordo com Ferrara, no artigo “O turismo dos deslocamentos virtuais” (1996), existe uma diferenciação entre viagem e turismo no que diz respeito aos objetivos do viajante e do turista. Para a estudiosa, a viagem é definida como o “olhar que se desloca”, que busca o desconhecido, o outro, a descoberta de novos espaços e culturas. O turismo é definido como o “olhar que se concentra”, que possui roteiros pré-estabelecidos, lugares já conhecidos “flagrados na pose fotográfica” e divulgados pelos cartões postais.

<sup>2</sup> Não podemos nos esquecer que existem pacotes de turismo alternativo que oferecem, geralmente para estrangeiros, passeios para grandes favelas como a Rocinha no Rio de Janeiro, que entrou no roteiro alternativo durante o encontro mundial sobre ecologia, Eco-92 e Dharavi, considerada a maior favela do continente asiático, situada na Índia, que também faz parte de um roteiro diferenciado de turismo para estrangeiros.

O protagonista de *Notturmo indiano* ao percorrer a Índia desloca o seu olhar para a essência das coisas e das pessoas à sua volta, buscando conhecer o outro. Assume, desse modo, o papel de viajante, daquele que procura apreender e vivenciar o lugar sem fixar o olhar em espaços “flagrados na pose fotográfica”. Os ambientes freqüentados e percorridos por Roux são fechados e comuns e não apresentam nenhuma característica de cartão postal. Isso se dá em virtude do interesse do narrador em destacar as peculiaridades de um país e de um povo levando em consideração os aspectos culturais e históricos e não turísticos. À medida que penetra nessa Índia contraditória e cheia de mistérios, oculta e noturna, inquietante e incompreensível para o estrangeiro, o protagonista destaca os efeitos desastrosos do colonialismo a que foi submetido o país.

Tão inquietante e misteriosa, como o país retratado, é a peregrinação empreendida pelo protagonista em busca de seu amigo Xavier. O “itinerário particular” de Roux é marcado pelos encontros, tema recorrente na obra tabucchiana, quase todos noturnos e casuais. Em *Notturmo indiano*, como em *Sostiene Pereira* (1995) e *Requiem* (1992), para citar apenas três exemplos, esses encontros são determinantes para o desenvolvimento dos acontecimentos, do mesmo modo que desencadeiam, nos respectivos protagonistas, questionamentos acerca da vida humana.

Segundo Ferrara (1996), “o deslocar-se tem um caráter existencial” e nesse sentido a viagem pode ser vista como “metáfora das fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, entre o imaginário e o concreto” (p.18). Notamos que em *Notturmo indiano* o deslocar do protagonista, ponto de partida do romance, ganha, aos poucos, caráter existencial. Assim, para Roux são duas viagens em uma, uma é interior, em busca de si mesmo e outra, externa, em que o protagonista percorre milhares de quilômetros para encontrar pessoas e tentar desvendar o mistério do desaparecimento de Xavier. Desse modo, a viagem realizada por Roux “se desdobra, se multiplica e se ultrapassa em ‘viagens’” (FERRARA, 1996, p.18). Viagens estas cumpridas como deslocamentos espaciais, como mergulhos para dentro de si ou como frutos de sonhos e alucinações do protagonista.

## **Outras viagens**

Nunca desembarcamos de nós. Nunca chegamos a outrem, se não outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos.

Fernando Pessoa

“Este livro, além de uma insônia, é uma viagem” (TABUCCHI, 1991, p. 7). São outras viagens. Trata-se de uma viagem que se desdobra em várias outras viagens, abrindo novos percursos. Em um primeiro momento se estabelece como uma viagem externa, como deslocamento físico do protagonista. No entanto, também é uma viagem interna através da memória, dos sonhos e das alucinações. É uma viagem existencial percorrida em busca da própria identidade e da própria alma.

De acordo com Ianni (2003, p.13) todos os povos e tipos de sociedades encontram na viagem um modo de buscar o desconhecido, desvendar o exótico, descobrir o outro e recriar o eu. O encontro com o outro é importante para a definição da identidade. O indivíduo se particulariza, se singulariza, se reconhece como tal a partir do confronto de alteridades.

O protagonista de *Notturmo indiano*, ao buscar conhecer o outro, desvendar o exótico, também procura conhecer a si mesmo. Desse modo, a viagem vai se tornando uma busca de autoconhecimento. A Índia mística e envolvida em sombras e mistérios é o ambiente ideal para refletir sobre o sentido da vida. Os encontros ali transcorridos, entre o protagonista e os mais variados tipos de personagens, impulsionam, um após outro, uma reflexão sobre o sentido da existência, colocando lado a lado a questão da aparência e da essência dos seres humanos. Essa questão é destacada nos diálogos do protagonista com os diversos interlocutores que encontra durante a sua travessia e está intrinsecamente ligada ao sentido que é dado à vida, à existência humana pela sociedade contemporânea e ocidental. Em um mundo saturado de imagens “é preciso ver o menos possível” (TABUCCHI, 1991, p.89), voltar-se para dentro de si. A essência não está no visível, a alma, o *atma*,

não podem ser vistos, nem tocados, mas somente sentidos. Os corpos são apenas os depositários da essência do indivíduo.

A viagem, em *Notturmo indiano*, transforma-se em metáfora da vida e os corpos “não são mais do que aparência e escondem a nossa realidade” (TABUCCHI, 1991, p.47), são vistos apenas como malas (p.36) que transportam temporariamente as almas nessa etapa da viagem. Desse embate entre o ser e o parecer, entre a alma e o corpo, surge o estranhamento em relação à vida. O protagonista se vê fragmentado pelo jogo da essência e aparência, de identidades múltiplas e intercambiáveis, a ponto de não saber mais onde está: “eu estava em outra parte sem saber onde” (TABUCCHI, 1991, p.33).

Em determinado momento, perdido, como o amigo que procurava, Roux vê-se diante de uma inquietante situação: a busca do amigo transformou-se em uma busca de si próprio, de sua própria alma, também perdida e separada do corpo:

[...] você é um outro.  
– Ah, sim – eu disse –, quem sou?  
– Isso não importa – relatou-me o garoto – é só *maya*.  
– E o que é *maya*?  
– É a aparência do mundo [...] o que conta é o *atma*.  
– E o *atma* o que é?  
– *The soul* – disse –, a alma individual.  
[...]  
– E então se sou outro, gostaria de saber onde está o meu *atma*, onde se encontra agora. (TABUCCHI, 1991, p.60)

Ao buscar as respostas, o protagonista encontra-se no meio de um jogo de espelhos em que tudo se duplica e se estilhaça. Como em um típico *gioco del rovescio* tabucchiano, tudo se inverte, os personagens se confundem, as posições se alteram, aquele que procurava passa a ser procurado. Assim, ao chegar ao fim de sua peregrinação, o protagonista vê-se refletido no personagem Xavier. Agora é Xavier que observa e assume o papel de narrador, inserindo sua própria história, a história do livro, na narrativa de Roux, contando à jornalista ocidental, em seu último encontro na Índia, detalhes sobre o enredo, caracterizando *Notturmo indiano* como um meta-romance:

– Há alguém que procura um outro, já lhe disse, há alguém que me procura, o livro é o seu andar à minha procura.  
– Então me conte um pouco mais.  
– Está bem – eu disse –, começa assim: ele chega a Bombaim, tem o endereço de um hotel vagabundo onde esteve uma vez e se põe a procurar. E ali conhece uma moça que há tempos atrás me conheceu e ela diz que eu adoeci, que fui para o hospital [...] Assim, ele vai à minha procura no hospital [...] e depois parte de Bombaim e começa uma viagem [...] o livro é principalmente isso: uma viagem. (TABUCCHI, 1991, p. 93).

Além de ser uma insônia, uma alucinação, uma viagem interior que não tem fim, assim como as imagens refletidas pelos espelhos, alguns sonhos, algumas perguntas que ficam sem respostas, algumas buscas incompletas. Afinal, as viagens pelo lado noturno e oculto da existência humana continuam *ad infinitum*.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- 1 CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In: **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Editora Hucitec. 1996.
- 2 CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2 ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

3 FERRARA, Lucrecia D'Alessio. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Editora Hucitec. 1996.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

TABUCCHI, Antonio. **Noturno indiano**. Trad. Wander Melo Miranda. Rio de Janeiro: Rocco. 1991.